

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO PRÓ-
REITORIA DE GRADUAÇÃO - PROGRAD CENTRO
MULTIDISCIPLINAR DE ANGICOS/RN CURSO DE
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO 2025.2**

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E ABORDAGENS METODOLÓGICAS INCLUSIVAS
PARA ALUNOS AUTISTAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Iara Cecilia Nunes dos Santos ¹

Franselma Fernandes de Figueirêdo ²

RESUMO

Este artigo investiga práticas pedagógicas e abordagens metodológicas inclusivas utilizadas na Educação Infantil com crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A pesquisa caracteriza-se como bibliográfica, de abordagem qualitativa, fundamentada em obras selecionadas em bibliotecas digitais, publicadas entre 2021 e 2024, que discutem autismo, práticas escolares, comunicação alternativa, ludicidade e mediação docente. As obras de Ferreira (2021), Almeida (2022), Marques et al. (2023), Amplla (2024) e Souza (2022) foram analisadas por meio de leitura exploratória e analítica, possibilitando compreender como a literatura recente tem orientado o trabalho docente no processo de inclusão. Os resultados revelam que práticas eficazes para crianças com TEA envolvem um conjunto articulado de ações: planejamento intencional, organização do ambiente, uso de rotinas estruturadas, estratégias lúdicas mediadas, aplicação de recursos visuais e sistemas de Comunicação Alternativa e Ampliada (CAA), além de mediação pedagógica sensível e parceria com a família. As obras também apontam desafios enfrentados pelos professores, como a necessidade de formação continuada, a carência de materiais acessíveis e a dificuldade em manejar comportamentos desafiadores. Apesar desses entraves, a literatura evidencia que metodologias inclusivas bem aplicadas contribuem para o desenvolvimento social, cognitivo e emocional da criança, fortalecendo autonomia, comunicação e participação no cotidiano escolar. Conclui-se que a inclusão de crianças com TEA na Educação Infantil exige práticas diversificadas, humanizadas e fundamentadas em princípios de acessibilidade. O estudo demonstra que a atuação docente deve integrar diferentes metodologias e compreender as singularidades da criança, reafirmando a importância de políticas públicas que garantam formação e suporte pedagógico para uma inclusão efetiva.

Palavras-chave: autismo; Educação Infantil; inclusão; práticas pedagógicas; metodologias de ensino

ABSTRACT

This article investigates inclusive pedagogical practices and methodological approaches used

in Early Childhood Education with children diagnosed with Autism Spectrum Disorder (ASD). The research is characterized as bibliographic, with a qualitative approach, based on works selected from digital libraries, published between 2021 and 2024, that discuss autism, school practices, alternative communication, playfulness, and teacher mediation. The works

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia, Universidade Federal Rural do Semi-Árido (Campus Angicos). E-mail: iara.santos@alunos.ufersa.edu.br.

² Professora Orientadora, Universidade Federal Rural do Semi-Árido (Campus Angicos). E-mail: franselma.figueirêdo@ufersa.edu.br

of Ferreira (2021), Almeida (2022), Marques et al. (2023), Ampila (2024) and Souza (2022) were analyzed through exploratory and analytical reading, allowing us to understand how recent literature has guided teaching work in the inclusion process. The results reveal that effective practices for children with ASD involve an articulated set of actions: intentional planning, organization of the environment, use of structured routines, mediated play strategies, application of visual resources and Augmentative and Alternative Communication (AAC) systems, in addition to sensitive pedagogical mediation and partnership with the family. The works also point to challenges faced by teachers, such as the need for continuing education, the lack of accessible materials, and the difficulty in managing challenging behaviors. Despite these obstacles, the literature shows that well-applied inclusive methodologies contribute to the social, cognitive, and emotional development of the child, strengthening autonomy, communication, and participation in daily school life. It is concluded that the inclusion of children with ASD in Early Childhood Education requires diversified, humanized practices based on accessibility principles. The study demonstrates that teaching practices must integrate different methodologies and understand the unique characteristics of each child, reaffirming the importance of public policies that guarantee training and pedagogical support for effective inclusion.

Keywords: autism; Early Childhood Education; inclusion; pedagogical practices; teaching methodologies

1 INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é compreendido como um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado por desenvolvimento atípico, déficits na comunicação e na interação social, além de comportamentos repetitivos presentes desde a primeira infância. A palavra autismo tem origem no grego *autos*, que significa “próprio”, evidenciando a percepção histórica de isolamento atribuída às primeiras descrições clínicas da condição. Estudos clássicos e contemporâneos sistematizam suas manifestações e implicações para a vida escolar (Gómez; Terán, 2014). Nas últimas décadas, os direitos das pessoas com deficiência e transtornos do desenvolvimento avançaram significativamente, refletindo-se na criação de políticas públicas e diretrizes educacionais voltadas para a inclusão.

Destacam-se a Lei Brasileira de Inclusão (Brasil, 2015) e a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (Brasil, 2008), que asseguram o atendimento educacional especializado, a formação docente e a participação da família e da comunidade na escolarização, desde a Educação Infantil até a Educação Superior.

Alves (2016) destaca que o TEA prejudica a comunicação e a interação social e apresenta diferentes níveis de suporte necessários. Cada criança manifesta singularidades e modos próprios de compreender e agir no mundo, o que exige respeito, sensibilidade e

práticas pedagógicas responsivas às suas necessidades e potencialidades. De acordo com a OMS (2011), o TEA compromete aspectos sociais, linguísticos e comportamentais em intensidade variável, podendo persistir ao longo da vida. O DSM-5 (APA, 2014) reforça esses critérios ao classificar o transtorno com base em dificuldades de comunicação social e padrões restritos e repetitivos de comportamento.

A literatura acadêmica descreve níveis de suporte (leve, moderado e severo), que influenciam diretamente a comunicação, a autorregulação e a participação da criança nas atividades escolares. Intervenções precoces, aliadas à mediação pedagógica intencional, favorecem o desenvolvimento infantil, especialmente quando realizadas em contextos naturais de aprendizagem, como a Educação Infantil.

Para subsidiar esta investigação, foi realizado um levantamento bibliográfico em bibliotecas digitais, tais como Google Acadêmico, Scielo, Portal CAPES, repositórios universitários e acervos de editoras especializadas em Educação Inclusiva. Foram selecionadas obras publicadas entre 2021 e 2024 que discutem autismo na Educação Infantil, práticas pedagógicas, abordagens metodológicas, comunicação alternativa e relatos de experiências docentes.

A seleção envolveu leitura exploratória e analítica, priorizando produções que dialogam diretamente com o objetivo do estudo. Dessa forma, o problema que orienta esta pesquisa é: quais práticas e metodologias inclusivas a literatura atual aponta como mais promissoras para favorecer a inclusão de crianças com TEA na Educação Infantil?

O objetivo geral consiste em investigar práticas pedagógicas e abordagens metodológicas inclusivas utilizadas com crianças com TEA na Educação Infantil. Como objetivos específicos, busca-se: (i) identificar desafios enfrentados por professores no processo de inclusão; (ii) mapear métodos e estratégias utilizadas na etapa da Educação Infantil; (iii) compreender como tais práticas contribuem para o desenvolvimento social, cognitivo e emocional das crianças.

A partir desse panorama inicial, as próximas seções aprofundam a metodologia utilizada e a análise das obras selecionadas, permitindo compreender como a literatura tem orientado práticas pedagógicas inclusivas voltadas às crianças com TEA.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Manifestações do TEA no contexto da educação inclusiva

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) foi descrito pela primeira vez pelo psiquiatra Leo Kanner, em 1943, após observar um grupo de onze crianças que apresentavam comportamentos semelhantes, como isolamento social, apego a rotinas e dificuldades significativas de comunicação. Em suas análises, Kanner denominou o fenômeno de “*autismo infantil*”, ressaltando a presença de uma solidão extrema e de padrões repetitivos de comportamento e linguagem (BANDIM, 2011). Pouco tempo depois, o médico austríaco Hans Asperger (1944) identificou um grupo de crianças com comportamentos semelhantes, utilizando o termo “*psicopatía autista*” para descrever perfis marcados por inteligência preservada e dificuldades nas interações sociais.

Com o passar das décadas, as pesquisas avançaram e a compreensão sobre o autismo foi se ampliando, superando visões restritivas. Hoje, reconhece-se o TEA como uma condição multifatorial, cujas manifestações variam em intensidade e em combinação, abrangendo aspectos comportamentais, cognitivos, sensoriais e comunicativos. Essa heterogeneidade exige que o olhar educacional seja individualizado, respeitando o ritmo e as potencialidades de cada criança.

No campo da educação inclusiva, o reconhecimento das diferenças constitui o ponto de partida para a prática pedagógica. O professor precisa conhecer profundamente o seu aluno para planejar atividades adequadas às suas características, respeitando suas formas de perceber e interagir com o mundo. Conforme observa Cunha (2015, p. 49), “no ensino do aluno com Transtorno do Espectro Autista, não há metodologias ou técnicas salvadoras. Há, sim, grandes possibilidades de aprendizagem, considerando a função social construtivista da escola.”

Essa perspectiva rompe com práticas padronizadas e incentiva uma pedagogia dialógica e flexível, em que o professor aprende com o aluno e o processo educativo se constrói a partir da realidade e da experiência vivida por ambos.

De acordo com o Ministério da Educação (MEC, 2008), a educação inclusiva deve garantir a todos os estudantes o acesso, a permanência e a participação em todos os níveis de ensino, desde a Educação Infantil até o Ensino Superior. Esse paradigma implica a criação de ambientes acessíveis, o uso de materiais adaptados e o fortalecimento de uma cultura escolar que valorize a diversidade.

O paradigma inclusivo, portanto, influencia diretamente a prática pedagógica e a formação docente. Os professores precisam reconhecer as peculiaridades do desenvolvimento de cada estudante, utilizando metodologias diversificadas e estratégias inovadoras que favoreçam a aprendizagem significativa. Cunha (2013, p. 31) reforça que:

Uma sala inclusiva está preparada para receber o educando típico ou com necessidades educacionais especiais. Por isso, os materiais de desenvolvimento pedagógico devem possuir propriedades que atendam à diversidade discente.

Nesse contexto, torna-se indispensável uma formação docente continuada e crítica, voltada para o desenvolvimento de práticas pedagógicas inclusivas. No trabalho com estudantes com TEA, o educador deve utilizar recursos visuais, estímulos auditivos e estratégias interativas, como propõe o método TEACCH, que organiza o ambiente e as atividades por meio de sinais visuais, imagens e rotinas previsíveis, facilitando a comunicação e o engajamento da criança.

Assim, compreender as manifestações do TEA na Educação Infantil é essencial para que o professor planeje ações intencionais que promovam a autonomia, a interação social e a aprendizagem, assegurando o direito de todos à educação de qualidade.

2.2 Histórico do TEA e implicações para a Educação Infantil no Brasil.

No Brasil, o processo de educação inclusiva passou a ganhar força a partir da década de 1990, impulsionado por avanços legislativos, como o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Além da legislação, o tema passou a ser discutido amplamente em congressos, encontros e publicações acadêmicas. A inclusão educacional é um processo que abrange dimensões políticas, culturais, sociais e pedagógicas, com o objetivo de assegurar que todas as crianças participem plenamente da educação regular, respeitando suas especificidades e promovendo a igualdade de oportunidades. Esse conceito é respaldado pela Constituição Federal de 1988, pela LDB (Lei nº 9.394/96) e pela Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008).

No contexto da Educação Infantil, a inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) requer práticas pedagógicas que respondam adequadamente às suas necessidades específicas. Silva (2021) destaca a importância do uso de rotinas visuais, atividades estruturadas e recursos de tecnologia assistiva como estratégias fundamentais para promover a aprendizagem e a socialização dessas crianças. O autor ainda ressalta a necessidade de formação continuada para os professores e do trabalho colaborativo entre educadores, famílias e profissionais da saúde, visando à construção de um ambiente escolar verdadeiramente inclusivo.

Complementando essa perspectiva, Oliveira (2002) salienta que o planejamento pedagógico na Educação Infantil deve considerar as diferentes formas de expressão e aprendizagem das crianças, incluindo aquelas com necessidades específicas. A autora enfatiza que uma prática educativa sensível às particularidades de cada criança favorece o desenvolvimento integral e fortalece os vínculos sociais, aspectos fundamentais para a consolidação de uma escola inclusiva.

Além disso, Bosa (2006) reforça a importância da mediação nas interações sociais de crianças com TEA. Segundo a autora, é essencial que a escola promova oportunidades de convivência e comunicação entre os pares, com o suporte de profissionais capacitados, permitindo o desenvolvimento das habilidades socioemocionais dessas crianças e sua participação ativa no ambiente escolar.

Metodologias para ensinar alunos com autismo vêm sendo pesquisadas e desenvolvidas em prol de uma aprendizagem exitosa. Segundo artigo publicado na Revista Educação Pública (2021), intitulado Práticas educativas para alunos com TEA: entre dificuldades e possibilidades, algumas metodologias específicas têm sido utilizadas com êxito no processo de ensino-aprendizagem de crianças com TEA, entre elas o Plano Educacional Individualizado (PEI), o método Prompt, o Ensino por Tentativas Discretas (TDT), a Comunicação Alternativa e Ampliada (CAA) e o sistema PECS (Picture Exchange Communication System).

O PEI consiste em adaptar os objetivos pedagógicos e as atividades escolares de acordo com o perfil e as necessidades de cada criança. O documento deve ser construído de forma colaborativa entre escola, família e profissionais da saúde, conforme orienta o Parecer CNE/CEB nº 50/2023. A Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Brasil, 2015) garante o direito à educação de qualidade para pessoas com deficiência e reforça a obrigatoriedade da elaboração do PEI como instrumento de inclusão.

O método Prompt é uma técnica de ajuda desenvolvida para ajudar os alunos com autismo a alcançar os comportamentos apropriados de que necessitam. Faz parte de um conjunto de habilidades comportamentais projetado para ajudar as crianças a responderem adequadamente. A ajuda deve ser fornecida com base no nível de independência da criança. Pode ser dada após a instrução, durante a resposta da criança e imediatamente após uma resposta incorreta (Figueiredo, 2014 apud Costa, 2021 p. 3).

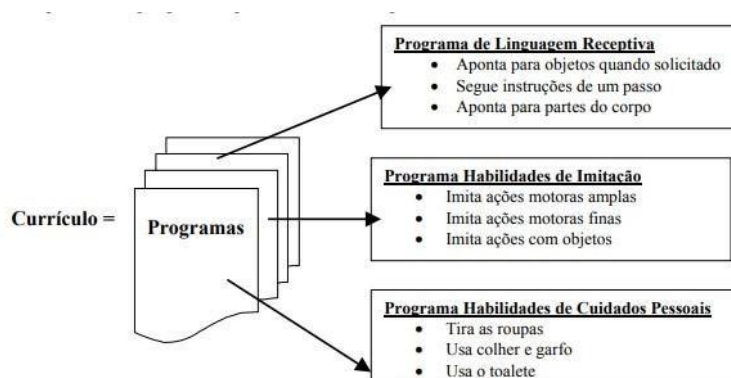
Figura 1: Método Prompt



Fonte: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/21/3/praticas-educativas-para-alunos-com-tea-entre-dificuldades-e-possibilidades>

O Ensino por Tentativas Discretas (TDT), é uma abordagem que consiste em simplificar sequências complexas por meio de sequências simples ou possivelmente discretas e ensinar cada parte da sequência simples de maneira sequencial, usando reforço positivo, contínuo ou intermitente até que o aprendizado da sequência complexa seja estabelecido e o aluno se torne independente na aprendizagem. Use aprendizagem problemática. O ensino por tentativa discreta (TDT) é um dos métodos de ensino utilizados pela ABA. Tem um formato estruturado, liderado por um professor, que apresenta sequências de aprendizagem complexas divididas em etapas muito pequenas ou "discretas" (individuais), ensinadas uma etapa de cada vez durante uma série de "tentativas" e fornecendo reforço positivo (prêmios) e o grau de “ajuda” (dicas) necessária para atingir o objetivo (Lear, 2004, p. 6).

Figura 2: Currículo da ABA



Fonte: Ajude-nos a aprender: manual de treinamento em ABA.

A Comunicação Alternativa e Ampliada (CAA) é definida por Nunes (2003; 2008, *apud* Mizael; Aiello, 2013, p. 624) como um conjunto de métodos e técnicas que possibilitam a comunicação a indivíduos que não possuem fala funcional ou cuja fala é limitada. Trata-se

de uma abordagem que complementa outras metodologias de ensino, ampliando as possibilidades de expressão das crianças com TEA. Mizael e Aiello (2013) enfatizam a variedade de recursos existentes na CAA, desde pranchas de comunicação até dispositivos eletrônicos com síntese de voz.

Picture Exchange Communication System (Pecs) é um dos métodos mais difundidos no campo da comunicação alternativa. Baseia-se na troca de figuras para promover a comunicação entre a criança com TEA e o adulto. Por meio desse sistema, a criança aprende a solicitar objetos, expressar desejos e participar de interações sociais, mesmo que não utilize a fala oral. Esta é uma estratégia comumente utilizada para intermediar a comunicação entre uma pessoa com autismo e um adulto; ela utiliza trocas de figuras.

Figura 3: Método Pécs



Fonte: <https://www.climabajio.org/post/m%C3%A9todo-pecs>

As abordagens mencionadas anteriormente são fundamentais para assegurar o acesso, a continuidade, a participação e o desenvolvimento completo de crianças com TEA na educação infantil. A implementação dessas táticas favorece a criação de ambientes escolares mais acolhedores, compreensivos e eficientes, que incentivam a justiça no processo educacional. Além de auxiliar no progresso cognitivo e na comunicação dos alunos com TEA, essas iniciativas também valorizam a diversidade e reforçam a cultura inclusiva em toda a instituição de ensino.

Apoiar a capacitação de educadores, aprimorar a infraestrutura das escolas e implementar políticas públicas que reconheçam essas abordagens é fundamental para assegurar que a inclusão se torne uma realidade palpável e transformadora na vida das crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa caracteriza-se como bibliográfica, de abordagem qualitativa, conforme Gil (2008) e Triviños (1987). A investigação fundamenta-se em obras publicadas que abordam práticas pedagógicas inclusivas relacionadas ao TEA na Educação Infantil.

As obras foram selecionadas em bibliotecas digitais, incluindo Google Acadêmico, Scielo, Portal CAPES, repositórios de universidades federais e catálogos de editoras como AMPLLA. Foram utilizadas combinações de palavras-chave como: autismo, Educação Infantil, práticas pedagógicas inclusivas, metodologias de ensino, PEI, comunicação alternativa e ludicidade.

Para melhor organização metodológica no critério de seleção das obras utilizamos os seguintes critérios:

Critérios para seleção das obras selecionadas para análise:	Critérios de exclusão de obras para análise:
- obras publicadas entre 2021 e 2024; - trabalhos que tratam da Educação Infantil; - estudos que discutem práticas pedagógicas, metodologias ou experiências escolares com crianças com TEA; - materiais que dialogam diretamente com o objetivo da pesquisa.	- obras focadas exclusivamente no diagnóstico clínico; - publicações que não abordam práticas escolares; - textos sem relevância pedagógica; - resumos ou materiais sem conteúdo analítico.

Após leitura exploratória e analítica, selecionou-se cinco obras centrais. Com elas, construiu-se uma tabela analítica sintetizando autor, foco principal, contribuições e relação com o objetivo da pesquisa.

Quadro 1 – Obras utilizadas no referencial teórico sobre Autismo e Educação Infantil

AUTOR / ANO	TÍTULO DA OBRA	FOCO PRINCIPAL	PRINCIPAIS CONTRIBUIÇÕES PARA O TEMA	RELAÇÃO COM O TCC DA IARA CECÍLIA
FERREIRA, Maria Alice de Souza (2021)	Brincadilhar: vivências de crianças com	A ludicidade como caminho para inclusão e	Defende o brincar como prática	Fundamenta a importância das práticas

	autismo nas	desenvolvimento	pedagógica	interativas e
	brincadeiras da Educação Infantil	de crianças autistas na Educação Infantil.	essencial, capaz de promover interação, expressão e pertencimento. Critica o modelo medicalizado e propõe o olhar sensível e participativo do professor.	afetivas, mostrando que o brincar é também um ato de inclusão pedagógica.
ALMEIDA, Flávio Aparecido de (org.) (2022)	TEA: os desafios da inclusão escolar	Reflexão sobre desafios da inclusão de alunos com TEA no sistema educacional, com foco em estratégias práticas.	Enfatiza o papel da formação docente, o uso de rotinas estruturadas e a elaboração do Plano Educacional Individualizado (PEI) na Educação Infantil.	Contribui para o eixo metodológico do TCC, oferecendo fundamentos sobre adaptação curricular e práticas inclusivas no início da escolarização.
MARQUES, Agílio Tomaz et al. (orgs.) (2023)	Autismo & Inclusão: Enfoque Multidisciplinar	Integra saberes pedagógicos, psicológicos e terapêuticos sobre o autismo.	Mostra que o trabalho pedagógico deve unir estrutura, afeto e cooperação entre diferentes profissionais. Defende o uso de recursos visuais e comunicação alternativa.	Sustenta o olhar interdisciplinar e reforça a necessidade de articulação entre escola, saúde e família na inclusão de alunos autistas na Educação Infantil.
AMPLLA Editora (org.) (2024)	Autismo e Inclusão Escolar: socialização de experiência de quem acolhe pessoas que estão no espectro	Relatos de práticas de professores e gestores no processo de inclusão de crianças autistas.	Valoriza a escuta, o vínculo e a empatia como pilares da prática docente inclusiva. Apresenta experiências	Inspira a dimensão afetiva e ética do TCC, mostrando a importância do acolhimento e da prática humanizada na

			reais e estratégias	Educação Infantil.
			adaptadas à rotina infantil.	
SOUZA, Liliane Pereira de (org.) (2022)	Autismo: pesquisas e relatos	Coletânea de estudos e relatos de experiências sobre o autismo no contexto escolar.	Reforça o papel da parceria entre escola e família, o uso da comunicação multimodal e a mediação docente nas interações.	Apoia a discussão sobre a colaboração entre professores e famílias e a importância da mediação pedagógica nos primeiros anos escolares.

Fonte: elaboração própria a partir das obras consultadas (Ferreira, 2021; Almeida, 2022; Marques et Al., 2023; Amplla, 2024; Souza, 2022).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das cinco obras selecionadas permite compreender como a literatura recente tem discutido práticas e metodologias voltadas à inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na Educação Infantil. Embora cada autor apresente perspectivas específicas, todos convergem para a defesa de uma educação que reconheça a singularidade das crianças e valorize práticas diversificadas, flexíveis e fundamentadas em princípios de acessibilidade e participação. É justamente essa convergência que ajuda a responder à pergunta-problema deste estudo, que busca identificar quais práticas inclusivas são consideradas mais promissoras no contexto do TEA.

Ferreira (2021) demonstra que a ludicidade ocupa papel central nesse processo. Para a autora, o brincar não é apenas uma atividade espontânea, mas uma metodologia capaz de promover interação, comunicação e expressão emocional entre crianças autistas. Ao relatar experiências reais da Educação Infantil, Ferreira evidencia que o brincar mediado favorece a participação da criança, amplia sua autonomia e proporciona situações de aprendizagem que dialogam com o desenvolvimento social e cognitivo.

Já Almeida (2022) reforça que práticas inclusivas precisam ser acompanhadas de planejamento estruturado. O autor destaca a importância do Plano Educacional Individualizado (PEI), das rotinas visuais e da organização do tempo e do espaço como elementos fundamentais para a aprendizagem da criança com TEA. Segundo ele, a

previsibilidade do ambiente diminui a ansiedade, fortalece a autorregulação e permite que a

criança compreenda com mais clareza o que se espera dela. Dessa forma, o trabalho pedagógico torna-se mais acessível e funcional.

A perspectiva de Marques et al. (2023) amplia o debate ao destacar que o autismo exige uma abordagem multidisciplinar. A obra demonstra que metodologias como a Comunicação Alternativa e Ampliada (CAA) e o uso de recursos visuais – pictogramas, pranchas de comunicação, cartões com instruções e sistemas como o PECS – possibilitam que a criança se expresse mesmo quando a fala oral é limitada. Esse aspecto é essencial para a inclusão, pois crianças que antes não eram compreendidas passam a interagir com colegas e professores, reduzindo barreiras que dificultavam a participação.

Além dessas práticas estruturadas, os relatos da obra da Editora Amplla (2024) revelam outra dimensão igualmente importante: o acolhimento. Professores e gestores relatam situações em que a escuta, o vínculo afetivo e a postura acolhedora fizeram diferença direta no comportamento da criança com TEA. Muitas vezes, antes de qualquer técnica ou metodologia, o que possibilita o avanço é o sentimento de segurança que a escola oferece. Essa obra reforça que a inclusão não depende somente de instrumentos, mas também de uma cultura escolar que valorize a diversidade.

Souza (2022) complementa essa visão ao destacar a importância da mediação docente e da parceria com a família. A autora argumenta que, quando a escola dialoga com a família, compreende melhor as necessidades da criança e ajusta suas práticas pedagógicas. Além disso, a mediação sensível do professor é apontada como peça central: é ele quem organiza as experiências, adapta o material, observa o comportamento e intervém de forma intencional para favorecer a aprendizagem.

Essas contribuições permitem compreender como as obras respondem aos objetivos específicos da pesquisa. O primeiro objetivo – identificar os desafios enfrentados pelos professores – pode ser observado principalmente na obra da Editora Amplla (2024), que revela dificuldades comuns no cotidiano escolar, como a falta de formação continuada, a escassez de materiais acessíveis e as incertezas diante de comportamentos desafiadores. Marques et al. (2023) também mencionam a dificuldade dos docentes em implementar metodologias visuais e sistemas de comunicação alternativa por falta de orientação técnica.

O segundo objetivo – mapear métodos e estratégias utilizados na Educação Infantil – é contemplado amplamente nas cinco obras. Ferreira (2021) apresenta o brincar como estratégia essencial; Almeida (2022) detalha rotinas estruturadas, PEI e organização do ambiente; Marques et al. (2023) descrevem práticas visuais e de comunicação alternativa; Souza (2022)

ênfatiza a mediação; e Amplla (2024) destaca práticas humanizadas que dão sustentação emocional às metodologias.

O terceiro objetivo – compreender como essas práticas contribuem para o desenvolvimento infantil – aparece em diferentes formas. As obras mostram que práticas inclusivas fortalecem a comunicação (oral ou alternativa), ampliam vínculos sociais, desenvolvem autonomia, reduzem comportamentos de ansiedade e favorecem a participação ativa da criança nas atividades escolares. A literatura reforça que a inclusão não é apenas um direito, mas uma condição que impacta diretamente o desenvolvimento social, emocional e cognitivo da criança com TEA.

Assim, as obras analisadas dialogam entre si e oferecem um panorama consistente das práticas consideradas mais eficazes para a inclusão na Educação Infantil. Quem lê percebe que não se trata de escolher um único método, mas de construir um conjunto de ações articuladas, sensíveis e intencionais, capazes de respeitar a singularidade de cada criança e favorecer sua presença real no cotidiano escolar.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa buscamos investigar práticas pedagógicas e abordagens metodológicas inclusivas utilizadas na Educação Infantil com crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A partir do levantamento bibliográfico realizado em bibliotecas digitais e da análise criteriosa das cinco obras selecionadas, foi possível compreender de que maneira a literatura recente tem orientado o trabalho docente nesse campo e quais elementos são considerados essenciais para favorecer a inclusão, o desenvolvimento e a participação plena dessas crianças.

O estudo revelou que a inclusão de crianças com TEA não pode ser reduzida a métodos isolados ou prescrições técnicas. Pelo contrário, exige uma ação pedagógica que articule planejamento, afeto, mediação sensível, organização do ambiente, uso de recursos visuais e diálogo constante com a família. Essa compreensão é reforçada pelas contribuições de autores como Ferreira (2021), Almeida (2022), Marques et al. (2023), Amplla (2024) e Souza (2022), cujas obras possibilitaram mapear práticas e metodologias que vêm sendo aplicadas na Educação Infantil com resultados significativos.

Ao retomar a pergunta-problema — quais práticas e metodologias inclusivas a literatura aponta como mais promissoras para favorecer a inclusão de crianças com TEA na

Educação Infantil? — observa-se que a resposta não está na adoção exclusiva de um método, mas na integração de diferentes estratégias. A ludicidade mediada, defendida por Ferreira (2021), mostra-se essencial para promover interação, linguagem e expressão emocional. As rotinas estruturadas e o PEI, apontados por Almeida (2022), fornecem segurança, previsibilidade e organização do tempo e do espaço, elementos fundamentais para a autonomia da criança. O uso da Comunicação Alternativa e Ampliada (CAA), discutido por Marques et al. (2023), amplia as possibilidades comunicativas, especialmente para crianças que não utilizam a fala oral. A afetividade e o acolhimento, valorizados pela obra da Editora Ampla (2024), garantem que o vínculo entre professor e aluno seja o ponto de partida para qualquer prática pedagógica. Por fim, Souza (2022) reforça a importância da parceria com as famílias e da mediação docente intencional como pilares do processo inclusivo.

A análise das obras também permitiu responder aos objetivos específicos da pesquisa. Em relação ao primeiro objetivo — identificar desafios enfrentados pelos professores — observou-se que a falta de formação continuada, a ausência de materiais acessíveis, a dificuldade em manejar comportamentos desafiadores e a insegurança diante das especificidades do TEA são obstáculos frequentemente relatados. Esses desafios impactam diretamente a atuação docente, demonstrando a necessidade de políticas públicas que ampliem o apoio pedagógico e a formação especializada.

Quanto ao segundo objetivo mapear métodos e estratégias utilizadas na Educação Infantil o estudo evidenciou a existência de um repertório diversificado de práticas, que incluem desde o brincar mediado e a organização do ambiente até o uso de pictogramas, pranchas de comunicação, agendas visuais, sistemas como o PECS, além de estratégias afetivas que fortalecem o vínculo e a participação da criança. Essas estratégias, quando articuladas ao planejamento intencional, tornam-se instrumentos poderosos para promover aprendizagens significativas.

O terceiro objetivocompreender como tais práticas contribuem para o desenvolvimento social, cognitivo e emocional das crianças mostrou que práticas inclusivas bem aplicadas ampliam a comunicação, fortalecem vínculos, promovem autonomia, reduzem comportamentos de ansiedade e permitem que a criança participe das atividades com mais segurança. Torna-se evidente que a inclusão não é apenas uma exigência legal, mas uma condição necessária para o desenvolvimento integral das crianças com TEA. Quando a escola compreende suas singularidades, adapta as práticas e cria ambientes acessíveis, ela abre caminhos para que essas crianças possam aprender, conviver, expressar-se e construir sua própria trajetória educacional.

Em síntese, os resultados desta pesquisa revelam que a inclusão de crianças com TEA na Educação Infantil é um processo complexo, que exige do professor sensibilidade, formação, observação e intencionalidade pedagógica. Exige também que as escolas assumam a inclusão como princípio e não como protocolo burocrático. Mais do que aplicar técnicas, é preciso construir uma cultura escolar que valorize a diversidade humana como parte constitutiva da aprendizagem.

Por fim, recomenda-se que estudos futuros aprofundem a análise de práticas colaborativas entre professores regentes, profissionais de apoio, famílias e equipes multiprofissionais, especialmente no contexto das escolas públicas. Investigar intervenções reais, analisar práticas de sala de aula e ouvir a voz dos docentes pode contribuir ainda mais para o fortalecimento de uma educação verdadeiramente inclusiva, como preconizam as diretrizes nacionais e internacionais. Assim, reafirma-se que a Educação Infantil tem papel fundamental na construção de uma sociedade que reconhece, respeita e garante os direitos das crianças com TEA.

REFERÊNCIAS

ADAPTE. **5 estratégias de ensino para alunos com TEA**. Disponível em: https://www.adapte.com.vc/blog/5_estrategias_de_ensino. Acesso em: 2 set. 2024.

ALMEIDA, F. A. de (org.). **TEA: os desafios da inclusão escolar**. São Paulo: Appris, 2022.

AMPLLA EDITORA (org.). **Autismo e inclusão escolar: socialização de experiências de quem acolhe pessoas que estão no espectro**. São Paulo: Ampla, 2024.

BVSMS. **Transtorno do Espectro Autista (TEA)**. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/transtorno-do-espectro-autista-tea-autismo/>. Acesso em: 25 maio 2024.

COSTA, M. R. B. das. Práticas educativas para alunos com TEA: entre dificuldades e possibilidades. **Revista Educação Pública**, v. 21, n. 3, p. 1-8, 2021. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/21/3/praticas-educativas-para-alunos-com-tea-entre-dificuldades-e-possibilidades>. Acesso em: 8 set. 2024.

EDITORIA CIENTÍFICA. **O Transtorno do Espectro Autista (TEA) e o desenvolvimento infantil**. Disponível em: <https://downloads.editoracientifica.com.br/articles/220408529.pdf>. Acesso em: 2 set. 2024.

FERREIRA, M. A. de S. **Brincadilhar**: vivências de crianças com autismo nas brincadeiras da Educação Infantil. Curitiba: Appris, 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. Disponível em: <https://ayanrafael.com/wp-content/uploads/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9nicas-de-pesquisa-social.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2025.

MARQUES, A. T. et al. (orgs.). **Autismo & inclusão**: enfoque multidisciplinar. Salvador: Edufba, 2023.

SANITY CONSULTORIA. **Transtorno do Espectro Autista (TEA)**: características, tipos e níveis. Disponível em: <https://sanityconsultoria.com/transtorno-do-espectro-autista-tea-caracteristicas-tipos-e-niveis/>. Acesso em: 27 maio. 2024.

SILVA, A. C. N. da. **O transtorno do espectro autista (TEA)**: metodologias inclusivas no ensino de ciências na educação básica. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Biológicas) — Universidade Federal Rural da Amazônia, Tomé-Açu, 2020. Disponível em: <https://bdta.ufra.edu.br/jspui/bitstream/123456789/3701/1/O%20transtorno%20do%20espectro%20autista%20%28tea%29-metodologias%20inclusivas%20no%20ensino%20de%20ci%C3%A7ncias%20na%20educa%C3%A7%C3%A3o%20b%C3%A1sica.pdf>. Acesso em: 8 set. 2024.

SOUZA, L. P. de (org.). **Autismo**: pesquisas e relatos. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022.

TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.